

Nó cego de ilusões

JOSÉ CARLOS TEIXEIRA

TÍTULO

Nó cego de ilusões

AUTOR

© José Carlos Teixeira

PINTURA DA CAPA

© Rosa Rio (pastel sobre papel)

FOTOGRAFIA DA PINTURA DA CAPA

© Marcelo – Fotógrafo, Vila Flor

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

© Alfarroba

DESIGN

Alfarroba | Catarina Amaro da Costa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Diário do Minho

ISBN

978-989-8888-55-6

DEPÓSITO LEGAL

458 833/19

DATA DA EDIÇÃO

Julho de 2019

uma edição da Alfarroba

Largo São João n.º 16 A, 1.º

2890-028 Alcochete | telefone: 210 998 223

e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

AGRADECIMENTOS

Este livro é para todos aqueles que, tal como eu, o coração sonha e sente.

Para a minha irmã, pelo apoio e carinho que sempre me dedicou e para o meu cunhado e sobrinhos, é também este livro.

Aos amigos dos meus silêncios, quero agradecer pelo carinho e disponibilidade para colaborar. Para eles é um bocadinho deste livro.

José Carlos Teixeira

APOIO:



DEDICATÓRIA

*A ti,
filha dos meus encantos e dos meus anseios,
dedico este livro.*

PREFÁCIO

Estas palavras são frutos adocicados duma vida
De esperança, que dão à vida razões para ser vivida.
Meio anestesiados por palavras compreensivas e sinceras
Vale a pena, mesmo com os olhos cansados e semiabertos
Procurar um amanhã que nos redima de uma vida austera.
O que pretendo é, dizer o que sinto tal qual se sente:
Claramente se é claro, obscuramente se é obscuro,
Sinceramente se é sincero e confusamente se é confuso.
Falar fora da norma, fora do quotidiano, mas sempre do absoluto
É a tarefa do poeta. Mais, oferecer a cada leitor a sua leitura
E novas leituras cada vez que há nova releitura.

A poesia não pode ser uma traição à escrita,
Mas ser alimentada e tratada, com consideração e estima,
Passando do invisível que ela tem, ao real onde se esconde,
Espreitando por entre as linhas que insinua e com que se cose
E transportando o sonho enquadrado com a realidade que
nos move.
Em suma: o real em perfeito movimento
Onde as palavras pulam para fora da página à procura de
sustento.

A poesia, antes de mais, acontece e acontece donde menos se espera,
E aos poucos se vai fazendo. Mas tão ou mais importante é, dizê-la e divulgá-la.
A minha poesia é heterométrica, com versos irregularmente rimados,
Longos, mas fluidos e cheios de vida; definem o autor pelo ser e pelo estar
E num constante vaivém, vagueiam entre o presente e o passado.
Esta poesia é meditativa, com versos banhados em vivências, Em luz, em música, e embriagados em odores campestres.
Abrange um manancial de sentimentos transversais em convivências
Nos quais, em maior ou menor número, acabamos por ser mestres.
Marca os sentimentos de cada instante, de cada época fugidos, E são crônicas dos meus dias e uma parábola da minha vida
É uma poesia sobre tudo e sobre nada, mas maioritariamente, sobretudo.

ATO DE CONTRIÇÃO

Neste vale de lágrimas não tujo nem mujo,
Apenas garatujo.
Comecei por lutar contra a ignorância
Depois, contra a fé e a esperança.
A seguir, contra os homens...
Mais tarde contra a idade,
Contra mim e a vontade, mas sempre pela verdade.
Agora, até contra a caridade!...

Desacertos sobre desacertos,
Um ou outro erro palmar
E sobretudo ingenuidades de bradar
Aos céus e na Terra aos homens
De boa ou má vontade
Não sei... Mas é melhor não confiar!

Salvou-se a infância!
Feliz no meio da minha ignorância.
A juventude foi o que se viu!
A maturidade foi crispada
E entre a hipocrisia mascarada,
Fui deixando cair as ilusões.
Atrás das ilusões os sonhos
E deparo-me com um sáfaro outono!

É triste, mas nesta idade
Não há volta a dar-lhe
E remir pela consciência,
É desculpar-me.